

**RESISTÊNCIA EM VERSOS: UMA LEITURA DIALÓGICA-DISCURSIVA
DO *SLAM* ESTATÍSTICA, DE JÉSSICA PRETA****RESISTANCE IN VERSES: A DIALOGIC-DISCURSIVE READING OF *SLAM*
ESTATÍSTICA, BY JÉSSICA PRETA****RESISTENCIA EN VERSOS: UNA LECTURA DIALÓGICA-DISCURSIVA
DE *SLAM ESTATÍSTICA*, DE JÉSSICA PRETA**Priscila Nunes Brazil¹Laura Isabela Souza Bellarmino Ximenes²Roberta Andrade Meneses³Adlene Pereira de Andrade⁴**RESUMO**

O presente artigo analisa o poema *Estatística*, de Jéssica Preta, a partir da Teoria Dialógica da Linguagem, concebendo o *slam poetry* como gênero discursivo de resistência. A investigação parte da compreensão de que a linguagem, segundo Bakhtin e o Círculo, é prática social marcada pela responsividade e pela interação entre múltiplas vozes. Nesse sentido, o poema é interpretado como um ato ético e político que confronta discursos hegemônicos e denuncia as violências de gênero naturalizadas socialmente. A partir de uma abordagem documental e interpretativista, observa-se como o texto poético ressignifica dados estatísticos e transforma números em enunciados de denúncia e reexistência. A análise evidencia que a escrita de Jéssica Preta se aproxima da noção de *escrevivência* proposta por Conceição Evaristo, constituindo-se como um gesto de resistência e afirmação das experiências das mulheres negras e periféricas. Assim, o *slam* se revela como um espaço dialógico de luta, expressão e transformação, reafirmando o poder da palavra como instrumento ético, estético e político.

Palavras-chave: poesia slam; escrevivência; dialogismo; resistência; Jéssica Preta.

¹ Doutoranda na área de Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7435-5814>. E-mail: prinunesbra31@gmail.com.

² Doutoranda na área de Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4394-0790>. E-mail: laura.ximenes@professor.pb.gov.br.

³ Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5197-4241>. E-mail: robertaandrademe@gmail.com.

⁴ Jornalista e aluna especial da disciplina de Teoria Dialógica da Linguagem (TDL) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3581-0837>. E-mail: adlene.andrade@gmail.com.

RESUMEN

Este artículo analiza el poema *Estatística*, de Jéssica Preta, desde la Teoría Dialógica del Lenguaje, comprendiendo el *slam poetry* como un género discursivo de resistencia. La investigación parte de la idea bakhtiniana de que el lenguaje es una práctica social marcada por la responsividad y la interacción entre múltiples voces. De esta manera, el poema se interpreta como un acto ético y político que enfrenta los discursos hegemónicos y denuncia las violencias de género naturalizadas socialmente. A través de un enfoque documental e interpretativo, se observa cómo el texto poético resignifica los datos estadísticos, transformando los números en enunciados de denuncia y reexistencia. La escritura de Jéssica Preta se aproxima al concepto de *escrevivência* propuesto por Conceição Evaristo, configurándose como un gesto de resistencia y afirmación de las experiencias de las mujeres negras y periféricas. Así, el *slam* se revela como un espacio dialógico de lucha, expresión y transformación, reafirmando el poder de la palabra como instrumento ético, estético y político.

Palabras clave: slam poesía; *escrevivência*; dialogismo; resistencia; Jéssica Preta.

INTRODUÇÃO

Os movimentos artísticos contemporâneos, como o *slam*, têm ganhado espaço significativo na sociedade ao proporcionarem um campo para a expressão cultural e o enfrentamento de questões sociais relevantes. Nesse contexto, enquanto gênero discursivo de resistência, destaca-se pela sua natureza polifônica e potencial dialógico, funcionando como um meio eficaz de promover a reflexão crítica e a construção de identidades.

Desse modo, a teoria do Círculo de Bakhtin oferece uma base fundamental para compreender a dinâmica dessas manifestações poéticas. Volóchinov (2017 [1929]) enfatiza que o discurso é sempre coletivo e marcado pela heterogeneidade de vozes e perspectivas. Segundo o teórico, o diálogo emerge como uma prática de troca entre diferentes sujeitos, cada um com suas experiências, valores e interpretações. Essa multiplicidade de vozes reflete a polifonia – a coexistência de diferentes formas de expressão – que se manifesta fortemente nas batalhas de poesia falada.

Além disso, a arte, conforme a perspectiva bakhtiniana, não é vista como um produto fechado ou isolado, mas como parte de um processo contínuo de interação e significação. Nesse intento, o *slam*, com seu caráter performático e aberto, reflete a noção de uma arte em movimento, conectada à realidade social e às tensões culturais. Através da palavra falada, poetas e *performers* estabelecem um diálogo com o público, criando espaços em que narrativas pessoais se entrelaçam a questões coletivas, favorecendo a emergência de novas formas de entendimento e resistência.

Assim, os aportes do Círculo de Bakhtin ajudam a iluminar como práticas poéticas contemporâneas, marcadas pela oralidade e pela *performance*, contribuem para

a construção de identidades e para a promoção de uma cultura voltada ao diálogo e à transformação social. Este trabalho, portanto, tem como objetivo investigar o *slam* como um gênero discursivo de resistência, destacando seu caráter dialógico a partir da análise do poema **Estatística**, de Jéssica Preta.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O *SLAM* EM FOCO

O *slam poetry*, ou “poesia de batida”, configura-se como uma manifestação artística que ultrapassa a dimensão estética, consolidando-se como espaço de resistência, afirmação identitária e protagonismo discursivo, especialmente para grupos historicamente marginalizados. Originado em contextos periféricos, o *slam* se configura como uma competição performática de poesia falada, na qual os *slammers* – poetas participantes – declamam textos autorais em um tempo limitado, geralmente de até três minutos, sem o uso de adereços cênicos ou acompanhamento musical. Essa estrutura, aliada à sua natureza democrática, transforma o *slam* em um potente instrumento de empoderamento, amplificando vozes comumente silenciadas pelas estruturas hegemônicas da sociedade.

Nesse contexto, é fundamental resgatar as origens do *slam poetry*, que surgiu na década de 1980, em Chicago (EUA), por iniciativa do poeta Marc Smith. Motivado pelo desejo de democratizar a poesia e torná-la mais acessível e interativa, Smith idealizou o *slam* como uma arte popular, envolvendo diretamente as camadas populares e rompendo com os formalismos elitistas da tradição literária.

Desde então, o *slam* expandiu-se globalmente, adaptando-se e adquirindo novas configurações de acordo com os contextos socioculturais em que se inseriu. No Brasil, essa manifestação artística ganhou força a partir dos anos 2000, especialmente nas periferias urbanas, onde encontrou terreno fértil para florescer. Realizado frequentemente em espaços públicos – como praças, ruas e centros culturais alternativos –, o *slam* brasileiro tornou-se um fenômeno marcado pela pluralidade de vozes e pela reivindicação de narrativas historicamente silenciadas.

Além de sua dimensão estética, a poesia performática assume um papel político e social de extrema relevância. Constitui-se como arena de denúncia e luta, onde questões urgentes como o racismo estrutural, a violência de gênero, a desigualdade

social e a *LGBTQIA+*fobia são visibilizadas e problematizadas. Desse modo, ao dar voz a indivíduos e grupos marginalizados, o *slam* não apenas expressa suas vivências e trajetórias, mas também promove a construção de uma comunidade discursiva coesa, fundamentada na partilha da palavra, na empatia e na escuta ativa.

Assim, a poesia falada extrapola o campo artístico e firma-se como prática cultural engajada, na intersecção entre arte e ativismo. Ao fomentar o debate público e tensionar as estruturas de poder hegemônicas, essa prática cultural reflete as contradições da realidade contemporânea e inaugura novas possibilidades de existência e resistência. Nesse sentido, a poesia *slam* consolida-se como um fenômeno que representa e transforma o mundo ao seu redor, reafirmando o poder da palavra como ferramenta de luta e emancipação.

No campo educacional, emerge como uma ferramenta pedagógica potente, mobilizando estudantes por meio da oralidade, da escuta e da escrita criativa. Ao incentivar a produção de textos autorais e a *performance* poética, essa prática estimula o protagonismo estudantil e ressignifica o ensino da poesia, que, tradicionalmente, é abordado de maneira descontextualizada e distante da realidade dos estudantes. Para além da escola, o *slam* expande suas fronteiras enquanto forma de expressão artística, afirmando-se como movimento de impacto político e social. Sua presença em espaços públicos e instituições de ensino contribui para a ampliação do acesso à palavra e para o fomento do diálogo em torno das diversas narrativas que compõem a sociedade atual.

Nesse panorama de possibilidades de uso da palavra, sobressai-se a resistência histórica das mulheres negras na busca pela ressignificação de representações estigmatizadas e sentidos marcados por estigmas e estereótipos. Segundo Silva e Araújo (2022), esse processo de reconstrução identitária se sustenta em lutas políticas, formação de coletivos, produção literária e práticas educativas, desenvolvendo-se tanto em esferas coletivas quanto em trajetórias individuais. Esses movimentos se concretizam em ambientes que oferecem segurança, acolhimento e validação – condições historicamente negadas a essas mulheres.

Um elemento fundamental nesse contexto é o exercício da voz própria, que possibilita a elaboração de narrativas autônomas, seja por meio da escrita ou da oralidade, fortalecendo o empoderamento pessoal e coletivo. Nesse cenário, o *slam* desponta como um espaço de contestação de estruturas opressoras e de articulação de sujeitos comprometidos com a transformação social.

Audre Lorde (2020), em sua obra de referência *Irmã outsider*, destaca que mudanças significativas somente podem ser alcançadas através da união de indivíduos plenamente conscientes de suas identidades e de seus papéis no mundo. Para a autora, o despertar da consciência – tanto em nível individual quanto coletivo – constitui um marco essencial no processo de mudança social, uma vez que possibilita a sujeitos marginalizados reconhecerem suas vozes e potencialidades, articulando-se em torno de causas comuns.

É nesse cenário de autorreconhecimento e reconhecimento do outro que o pensamento da escritora estadunidense dialoga diretamente com a produção da *slammer* Jessicállen Conceição de Oliveira, conhecida artisticamente como Jéssica Preta. Educadora, militante negra, feminista, mãe e uma das idealizadoras da Batalha do Pedregal e do movimento *Slam nas Escolas*, em Campina Grande, no estado da Paraíba, Jéssica Preta utiliza sua poesia como ferramenta de reflexão e denúncia das questões que atravessam a realidade das mulheres negras e periféricas. Sua obra transcende a expressão artística, assumindo o lugar de um gesto político de enfrentamento e afirmação.

A poesia de Jéssica Preta pode ser entendida como uma poesia-manifesto-escrevivência, termo que sintetiza sua função de confrontar estereótipos, reivindicar a humanização das mulheres negras e testemunhar as violências estruturais que marcam suas existências. Desde cedo, a poetisa conciliou estudos e trabalho no comércio popular pernambucano, manifestando sua veia artística na poesia marginal somente em 2018. Para ela, a poesia tornou-se uma arma de guerra e de acolhimento, capaz de denunciar as opressões e, ao mesmo tempo, oferecer refúgio e fortalecimento para si e para sua comunidade. Essa dualidade – entre o combate e o cuidado – sustenta as ideias defendidas por Lorde (2020), que vê na arte um meio de transformação pessoal e coletiva, especialmente quando articulada a partir de experiências vividas e compartilhadas.

Evaristo (2009) contribui com essa análise ao refletir sobre a relação entre subjetividade e produção literária. Em suas palavras:

Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influencia em minha subjetividade. E pergunto:

será que o ponto de vista veiculado pelo texto se desvencilha totalmente da subjetividade de seu criador ou criadora? (Evaristo, 2009, p. 2).

Com esse questionamento, a autora destaca a possibilidade de dissociação entre texto e subjetividade, argumentando que a trajetória de vida e o contexto sociopolítico influenciam diretamente na produção literária. Sua própria experiência evidencia como pertencimentos sociais e violências estruturais moldam a identidade e a escrita, culminando no seu conceito de *escrevivência*, termo cunhado para destacar a escrita como ato de resistência e testemunho das vivências de mulheres negras. A *escrevivência* não se limita a relatar experiências individuais, mas as transforma em narrativas coletivas, que reverberam as lutas e dores de uma comunidade historicamente silenciada.

Dessa forma, a produção poética de Jéssica Preta pode ser compreendida como *escrevivência* em ação, um testemunho das vivências de mulheres negras e periféricas que se articula como um ato político de resistência e reexistência. Assim, sua poesia *slam* alinha-se às reflexões de Audre Lorde e Conceição Evaristo, ao converter a palavra em um instrumento de denúncia, acolhimento e transformação social, bem como à teoria dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin, como veremos adiante.

O GÊNERO DISCURSIVO PARA O CÍRCULO DE BAKHTIN

A concepção dialógica da linguagem, desenvolvida por Mikhail Bakhtin e seu círculo, parte do pressuposto de que a linguagem não existe de maneira isolada, mas se realiza sempre em interação, inserida em um complexo tecido social, histórico e ideológico. Para Bakhtin (2003 [1952/1953]), a linguagem é um fenômeno essencialmente dialógico, pois toda enunciação é uma resposta a discursos anteriores e um convite a respostas futuras.

Nesse contexto, o gênero discursivo surge como uma forma relativamente estável de enunciado, que reflete as condições específicas de uma esfera de atividade humana e as relações sociais que a compõem. Ao se analisar o *slam poetry* sob essa ótica, compreende-se essa prática como uma manifestação discursiva e performática que mobiliza a múltiplas vozes, exemplificando de maneira contundente a dinâmica dialógica proposta pelo Círculo de Bakhtin.

Para alargar a compreensão sobre o *slam* enquanto forma de inscrição no mundo, é fundamental destacar dois aspectos centrais da filosofia bakhtiniana. O primeiro é a

defesa da integração entre vida, arte e ciência, proposta em *Para uma filosofia do ato responsável*. Bakhtin (2010 [1986]) argumenta que o agir humano é irreduzível a qualquer componente isolado – seja teórico, estético ou ético –, pois só é possível compreendê-lo em sua totalidade quando se considera a unidade da cultura e a singularidade do ser-evento. Essa perspectiva crítica recai sobre tentativas de estabelecer imperativos éticos universais que desconsideram os contextos específicos em que os sujeitos estão inseridos. Já o segundo aspecto se refere ao conceito de responsividade, que diz respeito ao diálogo inevitável entre discursos, tanto com o que os antecede quanto com aqueles que os sucedem, compondo uma teia dialógica em constante construção.

O *slam poetry*, enquanto gênero discursivo, exemplifica de maneira singular esses princípios bakhtinianos. Trata-se de uma *performance* poética marcada pela legitimação de vozes muitas vezes marginalizadas, que desafiam o *status quo* e promovem reflexões críticas sobre desigualdade, racismo, feminismo, entre outros temas. Sua ocorrência se dá no espaço da vivência encarnada e única, pois, embora haja aspectos repetíveis e generalizáveis em cada *performance*, há também o aspecto não generalizável e dinâmico, que Bakhtin (2010 [1986]) associa à singularidade do ser-evento. Inspirando-se em Heráclito, pode-se afirmar que, assim como “ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio”, irrepetível é também o ato humano, que se manifesta na unicidade histórica e singular da vida de cada sujeito.

É importante destacar que Bakhtin (2010 [1986]) distingue entre ação e ato. Enquanto a primeira se refere a um comportamento qualquer, o segundo é um gesto ético no qual o sujeito se revela e se compromete de maneira responsável e responsiva. No ato, não cabe o que Bakhtin (2010 [1986]) denomina de não-álibi, ou seja, não há margem para a fuga da responsabilidade, seja em relação ao conteúdo-sentido do ato, seja em relação à sua execução em uma realidade histórica específica. Nesse sentido, o *slam* pode ser compreendido como um ato ético e estético, no qual o sujeito se posiciona de maneira responsiva, assumindo a responsabilidade por seu discurso e suas implicações.

Sob uma perspectiva bakhtiniana, o *slam* é concebido como uma experiência humana que articula vida e arte, rejeitando a separação entre esses elementos. Ao conciliar aspectos da oralidade, da poesia e da teatralidade, essa manifestação artística tece um conteúdo de crítica social, no qual o sujeito age, posiciona-se e expõe-se, tornando-se responsável e responsivo. Seu ato estabelece respostas com o passado

reinterpretado e, como consequência, instaura possibilidades de respostas futuras. O *slam* acontece, portanto, no espaço do comprometimento ético-discursivo, no qual o sujeito reconhece aquilo que precisa ser dito e visibilizado.

Com temáticas frequentemente sensíveis, as *performances slam* escancaram uma via de mão dupla: de um lado, o sujeito que se inscreve poeticamente, assumindo uma posição diante do que declama; de outro, a convocação do Outro, que, em uma relação dialógica discursiva, é chamado a responder. O público, por meio de aplausos, manifestações verbais, gestuais ou mesmo pelo silêncio, responde ao discurso do *slammer*, evidenciando o caráter vivo, dinâmico e situado da linguagem. Como afirma Bakhtin (2003 [1952/1953]), toda enunciação é um elo na cadeia da comunicação discursiva, e o *slam* corporifica essa cadeia ao dialogar com discursos preexistentes, tensionar o presente social e histórico e interpelar diretamente o interlocutor.

Assim, o *slam poetry* configura-se como um gênero discursivo essencialmente dialógico, caracterizado por atos responsáveis que comportam implicações éticas e políticas, e por uma intensa responsividade que evidencia o caráter vivo da linguagem. Ao entrelaçar experiências singulares e problemáticas coletivas, o *slam* dá voz a sujeitos historicamente marginalizados e reitera o papel da linguagem como prática social e espaço de luta por significação. Nesse horizonte, a perspectiva bakhtiniana oferece um arcabouço teórico potente para compreender essa poesia como forma de resistência e transformação, que se inscreve no mundo como um ato responsivo e ético.

DISCUSSÃO METODOLÓGICA

A pesquisa adota uma abordagem documental e interpretativista, conforme proposto por Minayo (2011), adaptada à análise do poema **Estatística** em seu contexto de construção discursiva. Essa metodologia permite compreender como o poema se estrutura discursivamente para promover reflexão e resistência, articulando vozes individuais e coletivas.

Na perspectiva bakhtiniana, compreendemos o poema não como um discurso isolado, mas como um enunciado coletivo, marcado pela heterogeneidade de vozes e perspectivas em constante diálogo. Trata-se de um ato dialógico que interage com discursos sociais, institucionais e culturais, mobilizando a linguagem como instrumento de resistência e crítica.

No caso de **Estatística**, a voz do eu lírico se entrelaça com outras vozes, compondo um mosaico discursivo que dá visibilidade a experiências marginalizadas. Essa característica se manifesta, sobretudo, na fusão entre a linguagem poética e os discursos institucionais, especialmente os dados estatísticos que estruturam o poema. Esses números não são meramente ilustrativos; carregam densidade discursiva, remetendo a formas de poder e mecanismos de controle social.

Bakhtin (2008 [1929]) argumenta que a palavra do outro nunca é transmitida de maneira neutra, pois todo enunciado emerge em um campo de forças discursivas que interagem e se reconfiguram. Assim, o poema ressignifica os dados estatísticos ao inseri-los em um contexto de vivência e resistência, questionando a suposta objetividade dos discursos numéricos. O eu lírico não se limita a apresentar os números – ele os tensiona, expondo suas implicações sociais e políticas. Dessa forma, os dados deixam de ser neutros e passam a carregar marcas de sofrimento, denúncia e contestação.

Outro aspecto fundamental da metodologia foi situar o contexto de produção e uso dos dados apresentados no poema. As estatísticas, frequentemente tratadas como representações objetivas da realidade social, são compreendidas, sob a ótica bakhtiniana, como enunciados situados, influenciados por processos históricos, políticos e institucionais.

A escolha do que se quantifica, os métodos de coleta e divulgação dos dados, bem como os silenciamentos que acompanham essa produção, constituem elementos essenciais para compreender como a realidade social é narrada e interpretada. Como aponta Volóchinov (2017 [1929]), toda palavra está inserida em um contexto discursivo mais amplo, permeado por disputas sociais e valores historicamente construídos. Isso reforça a ideia de que os dados estatísticos, longe de serem neutros, integram um jogo de forças discursivas que determinam quais narrativas ganham visibilidade e quais são silenciadas.

A metodologia adotada, portanto, não se limita ao conteúdo do poema, mas investiga suas estratégias discursivas e a forma como ele ressignifica os dados estatísticos a partir de uma perspectiva crítica e dialógica. Ao articular a linguagem poética com discursos institucionais, o poema transforma os números em ferramentas de denúncia e resistência, revelando as contradições e violências que permeiam a realidade das mulheres negras e periféricas. Nesse sentido, a análise dialógica permite compreender a poesia *slam* como prática de resistência, em que a palavra se torna espaço de contestação e reconfiguração dos discursos dominantes.

TESSITURAS ANALÍTICAS

O poema **Estatística** integra o *e-book Slam Insubmisso*, lançado em 2021 pela plataforma literária *Diálogos Insubmissos*, que reúne 15 poemas de *slammers* como Jéssica Preta, Carmen Kemoly e Van Cerqueira, participantes do movimento *Slam Insubmisso*. A coletânea foi concebida como um espaço de visibilidade para vozes femininas negras, abordando temas como violência de gênero e cultura do estupro, com foco nas experiências das mulheres negras nordestinas.

O lançamento do *e-book* foi celebrado em uma *live* no *YouTube* da Fundação Rosa Luxemburgo, buscando ampliar seu alcance por meio de uma tradução bilíngue, o que reforça o caráter plural e internacional das questões abordadas. Nesse contexto, **Estatística** se configura como um ato discursivo de denúncia e resistência, explorando a dimensão coletiva e cotidiana das violações sofridas por mulheres, com uma abordagem direta e impactante.

A seguir, apresentamos o poema em questão:

Estatística

De 10 mulheres que conheço 9 já foram abusadas
A décima não se lembra ou não percebeu que foi violada
É que a cultura do estupro está muito enraizada
Aí a gente confunde malicioso aperto com abraço camarada
Toques sutis na minha perna
No meu peito
Na minha saia
Tudo parece normal para quem está acostumada
Me embriagam
Juram amor
Ou sou ameaçada
Com faca ou Instagram
Tô sendo sempre atacada
Meu pé na rua e começa a caçada
Homem nunca vai entender o que é andar atordoada
Meu pé na rua e começa a caçada
Já diziam os mais velhos: homem é caçador e a mulher é a caça
Se aproveitam de tudo inclusive psicologicamente
Passam a mão sem aval porque você é irreverente
Você é muito sensual
Não pude me conter
Se não quisesse meu olhar
Botava pano para esconder
Argumentos fáceis e ao mesmo tempo mentirosos
Quero saber como uma criança encanta sexualmente os teus olhos

Teu pé dentro de casa e começa a caçada
O que era proteção na verdade é ameaça
Meu pé dentro de casa e começa a caçada
No olhar do caçador a sobrinha é a caça
De 10 mulheres que conheço 10 já foram abusadas
Porque a uma que faltava Acabou de ser avisada! (Preta, 2021, p. 29-30).

A partir da noção de gêneros do discurso proposta por Bakhtin (2003 [1952/1953]), o *slam* pode ser compreendido como um gênero discursivo que se caracteriza por sua natureza dialógica e responsiva. Nesse intento, o poema exemplifica tal dinâmica ao dialogar com discursos sociais que naturalizam a violência contra as mulheres, ao mesmo tempo em que os confronta e ressignifica.

Os versos iniciais – “De 10 mulheres que conheço / 9 já foram abusadas / A décima não se lembra ou não percebeu que foi violada” – evidenciam a frequência dos abusos sexuais e a dificuldade de reconhecimento dessas agressões, muitas vezes apagadas pela sua naturalização. Ao trazer essa realidade à tona, o poema de Jéssica Preta denuncia a recorrência da violência de gênero e problematiza o silenciamento que recai sobre os corpos femininos, convidando o leitor a reflexão sobre suas próprias responsabilidades e respostas diante dessa realidade.

A responsividade, conceito central na teoria bakhtiniana, manifesta-se tanto na relação entre o texto e os discursos sociais que ele confronta, quanto na interação com o público. O verso “Aí a gente confunde malicioso aperto com abraço camarada” ilustra a sutileza com que essas agressões são mascaradas e assimiladas socialmente, utilizando um tom irônico para expor a banalização de gestos invasivos. Essa escolha lexical evidencia e denuncia as estruturas que perpetuam tais práticas, convocando o interlocutor a questioná-las.

A repetição do verso “Meu pé na rua e começa a caçada” reforça a ideia de vulnerabilidade constante, convertendo o simples ato de caminhar em um risco iminente. A metáfora da caça desmascara as relações de poder desiguais, que colocam a mulher na posição de presa, ressaltando a persistência da dominação masculina tanto no espaço público quanto no privado.

Outro aspecto relevante é a crítica à culpabilização da vítima, evidenciada nos versos “Você é muito sensual / Não pude me conter”. Aqui, a voz poética desconstrói a lógica perversa da cultura do estupro, que transfere a responsabilidade da violência para a mulher, em vez de responsabilizar o agressor. Essa inversão de valores, amplamente difundida no discurso social, alimenta a impunidade e impõe um fardo emocional e

social às vítimas, dificultando a denúncia e perpetuando o ciclo de violência. Além disso, o poema problematiza a pedofilia, como observado no verso “Quero saber como uma criança encanta sexualmente os teus olhos”, que confronta diretamente as racionalizações dos abusadores e expõe a perversidade dessa violência contra crianças.

Na sequência da análise, o ambiente doméstico, idealizado como espaço de proteção, também é desconstruído. Em “Teu pé dentro de casa e começa a caçada” revela que o perigo não se limita às ruas, mas ocorre também dentro de casa, onde muitas mulheres e crianças são alvos de agressões físicas, psicológicas e sexuais. Essa denúncia desafia a noção de que o lar é um lugar seguro, trazendo à tona formas de violência frequentemente invisibilizadas.

Por fim, o poema se encerra com um convite à conscientização e à mobilização social – “De 10 mulheres que conheço / 10 já foram abusadas / Porque a uma que faltava / Acabou de ser avisada!”. O desfecho aponta para a urgência de romper o ciclo de silenciamento e promover a solidariedade entre as mulheres, transformando a ignorância em conhecimento e ação.

Nessa direção, a escrita de Jéssica Preta ultrapassa à denúncia ao configurar-se como um ato político de resistência e empoderamento, alinhando-se ao conceito de escrevivência, proposto por Evaristo (2009), que enxerga a escrita como um testemunho das vivências de mulheres negras.

A partir da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), observa-se que o poema Estatística estabelece um diálogo constante com enunciados que legitimam a violência, revelando suas contradições e desvelando as estruturas que a sustentam. A interação entre as vozes do *slam* e os discursos hegemônicos evidencia o caráter responsivo e transformador da linguagem, capaz de refletir, tensionar e ressignificar a realidade. Desse modo, o texto se consolida como testemunho social e literário, desafiando o silenciamento e reforçando a pertinência do debate sobre a violência de gênero, consolidando o *slam* como um gênero discursivo de resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do poema Estatística, de Jéssica Preta, à luz da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), permitiu compreender o *slam poetry* como um gênero discursivo de

resistência, cuja força reside em sua natureza dialógica e responsiva. Inserido na coletânea *Slam Insubmisso*, o poema se configura como um potente instrumento de denúncia e transformação social, ao articular vozes individuais e coletivas em um diálogo crítico que tensiona os discursos hegemônicos que naturalizam a violência de gênero.

A partir da noção de gêneros do discurso, observa-se que o *slam* transcende a mera expressão artística para assumir um papel político e social, dando visibilidade a experiências historicamente marginalizadas. Em Estatística, a fusão entre linguagem poética e discursos institucionais – representados pelos dados estatísticos – evidencia como a palavra pode ser mobilizada para confrontar e ressignificar estruturas opressoras. Os números, longe de serem neutros, adquirem sentidos que remetem a formas de poder e controle social, sendo recontextualizados por uma voz lírica que os transforma em denúncia e resistência.

O conceito de responsividade, central na teoria bakhtiniana, manifesta-se tanto na interlocução com os discursos sociais dominante quanto na interação com o público. Além disso, o texto problematiza a culpabilização das vítimas, desvela as perversidades da cultura do estupro e expõe a violência sexual contra crianças, desconstruindo as justificativas dos agressores.

Ao revelar a violência doméstica encoberta pela idealização do lar como espaço de proteção, o poema desafia concepções simplistas sobre onde e como tais abusos ocorrem, evidenciando a complexidade e a abrangência do fenômeno. A escrita de Jéssica Preta, alinhada ao conceito de Escrivivência, de Conceição Evaristo, emerge como um ato político de resistência, que denuncia as opressões e celebra a resiliência e a dignidade das existências negras e periféricas.

Assim, Estatística reafirma o *slam poetry* como um gênero discursivo essencialmente dialógico, que articula experiências individuais com questões coletivas, reafirmando o papel da linguagem como prática social, território de disputa e instrumento de transformação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952/1953].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4ª. ed. revista e ampliada. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1929].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1986].

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: Ensaio e Conferências**. Tradução de Stephanie Borges. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

PRETA, Jéssica. “Estatística”. In: CERQUEIRA, Van. [et al.]. **Slam Insubmisso** [livro eletrônico]. Tradução de Ayala Tude. Salvador: Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras, 2021.

SILVA, Bruna Gabriella Santiago; ARAÚJO, Manuela Aguiar Damião de. “A poesia não é um luxo”: a poética de Jéssica Preta. In: QUEIROZ, Mylena de Lima; OLIVEIRA, Silvanna Kelly Gomes de (Orgs.). **Literatura brasileira: travessias da crítica contemporânea**. 1. ed. Campina Grande, PB: Benares Editora, 2022. p. 11-23.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

Submetido em: 28/10/2025

Aceito em: 30/10/2025